

# O DISCURSO HISTÓRICO ENTRE AS REALIDADES E O FICCIONAL: A ORDEM, A BELEZA E O JUSTO PRESENTES NA EXPRESSÃO, NA FIGURAÇÃO, NA INTERPRETAÇÃO E NA COMPREENSÃO

**Jean Felipe de Assis**

Drew University

jeanfelipe\_rj@yahoo.com.br

**César Palmieri Martins Barbosa**

Mestrando HCTE/UFRJ

cesarpalmieri@globo.com

**Ricardo Silva Kubrusly**

Professor HCTE/UFRJ

riskuby@gmail.com

Assim como falham as palavras quando querem exprimir qualquer pensamento / Assim falham os pensamentos quando querem exprimir qualquer realidade. / Mas, como a realidade pensada não é a dita, mas a pensada, / Assim a mesma dita realidade existe, não o ser pensada. / Assim tudo o que existe, simplesmente existe. / O resto é uma espécie de sono que temos / Uma velhice que nos acompanha desde a infância da doença. *Alberto Caeiro, 1-10-1917*

O século que nunca termina. É assim que comumente se ouve a respeito do século XX. É verdade que esta metonímia articula algo ainda mais profundo. Torna-se exposto um desejo ou uma insatisfação em relação ao recente passado moderno. Alguns dos que atestam a latência deste período, também ponderam sobre nosso permanente estado de perplexidade diante da década de 30. É evidente que não estão em jogo apenas as crises políticas e econômicas que avassalariam nações e conduziriam Estados à guerra. Algo inexorável permanece. O decênio em questão reflete outra intrigante metonímia. Desta vez, a respeito de um processo de desconstrução atestado no seio do pensamento moderno e expresso no desenvolvimento de novas metodologias científicas e reflexões epistemológicas. O Romantismo, por exemplo, é fruto destas críticas e reflexões. O surgimento de novas teorias matemáticas e aplicações físicas também descrevem este fenômeno ainda em curso.

De uma maneira geral, este processo de *desconstrução* do sistema de pensamento moderno é generalizado para uma crítica a respeito da metafísica. Ora, os ditos *mestres da suspeita*, mais especificamente o caminho tortuoso que pode ser traçado entre Schleiermacher, Schopenhauer, Nietzsche, Husserl e Heidegger constitui um clamor por reformulação. Portanto, a desconstrução dos sistemas metafísicos empreendidos por estes pensadores passa, sobretudo, pela destruição da idealização científica moderna que pode ser vista como uma degeneração do Platonismo.

Diversos são os resultados desta reformulação epistemológica, inclusive suas constatações sociais, políticas, religiosas e assim por diante. Muitos, como o escritor Ítalo Calvino (1996), consideram que uma antiga harmonia foi rompida e necessita ser restabelecida. Dentre as consequências da contingência contemporânea, a imprescindibilidade da Fenomenologia e da teoria hermenêutica são evidentes. Na área limítrofe destas duas perspectivas, cada uma ao seu modo sustenta, desenvolve e articula a outra metade de uma tensão essencial entre o fenômeno e sua interpretação. Deste modo, deseja-se apontar alguns aspectos a respeito da relação entre a objetividade e a subjetividade no processo epistemológico contemporâneo. Tal atitude inevitavelmente nos conduz às articulações entre as esferas éticas, lógicas e estéticas. Estas, por sua vez, somente podem ser entendidas com a tensão existente entre as análises *físicas* e *metafísicas*, isto é, na articulação, nunca excludente, entre a explicação dos fenômenos e os juízos axiológicos. Neste contexto, a relação entre a Tradição e a Crítica, a objetividade e a subjetividade, a razão e a imaginação promovem incessantes análises no pensamento contemporâneo.

Não é possível analisar rapidamente as raízes destas transformações. Contudo, o sistema de oposição binário que estipula uma relação estrita entre falso e verdadeiro sustenta e nutre o pensamento considerado metafísico. Ora, na Lógica Clássica há um clamor pela definição de identidade, pois o desejo irrestrito pela definição da substância não pode de maneira alguma ser ambíguo; exclui-se, portanto, uma terceira via ao mesmo tempo em que se estabelece um apelo por um argumento não contraditório. Deste modo, não é estranho observar o intenso interesse a respeito de novos desenvolvimentos lógicos e também algumas aplicações em outras áreas do saber. Por ora, contentar-se-ão com as propícias considerações a respeito da *Historicidade* e do pensamento *Historiográfico*, estes que, por meio de um olhar hermenêutico, consideram novamente o espaço limítrofe entre História e Literatura.

Se o *Conhecimento e o Interesse* (HABERMAS: 1982) dos interlocutores constituem uma perspectiva inevitável, a Arte Retórica constitui um espaço essencial na discussão contemporânea. Constata-se, portanto, a imprescindível presença de axiomas, postulados, credos e outros temas afins. Deste modo, a crença nos sustenta, ampara-nos e fundamenta nossas discussões. Ora, nossa certeza se mostra incerta; nossos problemas, mistérios; e nos resta a certeza da perene incerteza que nos incomoda. Ao concluir sua crítica ao *Historicismo*, Popper salienta que os pressupostos estabelecidos por esta doutrina se baseiam em uma crença na possibilidade de previsão da mutação social e esta, por sua vez, depende da aceitação de uma lei imutável a partir do estabelecimento de métodos causais (POPPER: 1980, p.14). Tal predisposição pode ser vista de maneira mais enfática no pensamento de Carl Hempel, o qual afirma que toda explicação científica requer uma submissão a leis gerais (1942). Não nos interessa no momento uma explicação epistemológica desta posição ou suas implicações para a filosofia analítica e, principalmente, para o entendimento a respeito do fazer historiográfico. No entanto, constata-se a necessidade de uma interação entre as perspectivas intelectuais ora em curso, sem o estabelecimento de padrões arbitrários a respeito de uma determinada área do saber. Deste modo, a pergunta a respeito do método, da objetividade, dos pressupostos e do fazer histórico não pode estar submissa a pressupostos científicos estabelecidos de acordo com necessidades particulares. Assim, a transformação epistemológica vigente propicia uma oportunidade ímpar para a discussão a respeito da fundamentação do saber, em especial do pensamento histórico.

O discurso popperiano não traça fundamentos ou estipula diretrizes. Afirma-se aqui, no entanto, que uma possibilidade de constituição do discurso contemporâneo deve ser encontrada na articulação entre as esferas Éticas, Estéticas e Lógicas. Desta maneira, resta apenas pontuar a inevitabilidade da insólita transgressão do Real em nossos inumeráveis discursos e *epistemai*. A perspectiva hermenêutica é posta no centro do debate epistemológico, pois somente por uma perspectiva interpretativa é possível estabelecer uma relação efetiva entre a necessidade e a contingência, isto é, entre as possibilidades de uma racionalidade e de uma razoabilidade. A inevitabilidade do conhecer entra em tensão com a *eminente* e a *iminente* obscuridade da ignorância. A univocidade entre as *palavras e as coisas* deve ser repensada a partir da articulação entre sintática, semântica e pragmática, conforme pode ser atestada em nosso louvor contemporâneo ao *contingente*. Todavia, algo permanece: o êxtase e a *catarse* diante do imponderável e do *Infinito*

presente no Real, os quais possibilitam a construção de nossas realidades. A ambição destas linhas recai no rompimento deliberado destas dicotomias pela mística literária, isto é, a partir do sagrado nas Letras e nas letras do Sagrado correlacionar não apenas forma e conteúdo, mas perceber como a objetividade e a subjetividade se relacionam, correlacionam-se e se complementam no viver humano.

Não por acaso, o estudo em torno da memória e da ficção recebe especial atenção na contemporaneidade. No entendimento do fazer histórico, estas perspectivas são articuladas pela ação narrativa que ao mesmo tempo em que transfere à materialidade da letra o que se constitui histórico, transpassa os limites de seu lugar vivencial na ação comunicativa e textual. A noção de ficção se encontra presente em inúmeras perspectivas contemporâneas, sobretudo no âmbito da Estética. A partir de uma premissa a respeito da existência da verdade e o modo como esta deve ser expressa, conjectura-se sobre os diversos aparecimentos da ficção nos gêneros literários. Portanto, as fábulas e os antigos contos cedem espaços para narrativas que originariam o romance no século XVIII. Deve-se ressaltar que o surgimento da novela se encontra intimamente ligado ao pensamento historiográfico do período. Como exemplo, basta constatar as diversas tentativas de contar a história de Jesus, em uma distinção entre o Jesus histórico e o Cristo contado a partir da perspectiva eclesial. Contudo, enraizada no domínio secular, as novelas, a exemplo da historiografia grega, constituem materiais históricos a partir da presença de um narrador. Este, ao constituir o fazer histórico em um processo enunciativo, traz à baila a relação entre o sentido literal e imaginário, ou seja, questiona-se de maneira contundente se as narrativas versam acerca de eventos ou se são produtos de pura ficção. Ora, aos pesquisadores contemporâneos do mundo antigo, uma mescla de realidade e ficção não é estranha, basta para tanto observar as obras de Homero, a historiografia antiga, os mitos gregos e suas releituras nas tragédias e a própria Bíblia. Há, portanto, uma cumplicidade entre autor e leitor a respeito do processo enunciativo e receptivo. Em outras palavras, a narrativa articula fantasia e realidade na própria constituição do narrar. Assim, parafraseando Fernando Pessoa, dir-se-ia que *o historiador é um fingidor, visto que finge e diz ser dor, esta mesma dor, que deveras sente*. Desta maneira, coloca-se em questão não apenas a articulação entre a percepção e o imaginário, mas também a constituição da historicidade pelo fazer histórico e a composição deste em face daquela.

A história, portanto, não trata do passado. Não se refere a eventos pretéritos, ainda que em alguns casos faça uso de certas avaliações para praticar algumas inferências. Tampouco trata do futuro, visto ser impossível a criação de leis inflexíveis e inabaláveis que pudessem sustentar uma possível previsão. Deste modo, esta somente pode tratar do presente. Mas que estado perfeito de presente seria este? Um presente inventado. Ora, tal premissa é um desassossego às nossas mentes tão afeitas a distinguir o falso do verdadeiro. Fernando Pessoa constata que o passado já não nos é dado, o futuro desconhecido, logo, afirma: “*O meu passado é tudo quanto não consegui ser. Nem as sensações de momentos idos me são saudosas: o que se sente exige o momento; passado este, há um virar de página e a história continua, mas não o texto*” (PESSOA: 2000, §100). As narrativas se encerram em si mesmas, a letra morre, mas a história se vivifica. Esta constatação está evidenciada em nossa contemporaneidade, mas também se encontra presente na obra de Santo Agostinho. Este afirma que nenhuma destas classificações a respeito do tempo existe de fato, mas, estas, constituem-se na alma para o entendimento. Assevera, assim, que a memória, a percepção (*contuitus*) e a expectativa conjugam espectros do presente (AGOSTINHO: XI,14). Em face disto, percebe-se como nossa noção de tempo determina o fazer historiográfico por meio de uma escatologia que se realiza em nossa historicidade.

Dario Fo em *Morte accidentale de un anarchico*, mostra-nos sarcasticamente a realidade de um governo italiano pronto para eliminar seus opositores políticos. Diretamente conectado à crítica pública e à atuação da mídia se encontra o próprio fazer histórico. Ironicamente, já no primeiro ato, o ensandecido personagem que conduz a narrativa dirige seus interlocutores e, principalmente a plateia, a constatar o inevitável: os fatos passados se interrogados a fundo e com o rigor necessário para a satisfação de nossas certezas, tornam-se facilmente manipuláveis ao prazer de nossos interesses e ao deleite de nossas necessidades. Mostra-nos como a retórica do narrar histórico se enraíza no passado, mas opera diante de um outro tempo hipotético, um *futuro do pretérito* a se desenhar.

Em contrapartida, tampouco podemos confiar que a história se contente em tratar do futuro como em um jogo de cartas marcadas. Nas obras gêmeas de Ítalo Calvino, *Il castello dei destini incrociati* e *La taverna dei destini incrociati*, observa-se a tensão entre a carta que se mostra, sua interpretação e sua aplicação na realidade. Contudo, quais as leis históricas que poderiam sustentar categoricamente a afirmação de uma carta de tarô a respeito do futuro sem a mediação da

interpretação? Consta-se que a cada carta se revelam não apenas nossas pré-compreensões a respeito das regras do jogo adquiridas pela experiência, mas também o entendimento das reveladas anteriormente. Do mesmo modo nós: precisamos reconhecer a *carta histórica* diante de nossos olhos, reconhecer o jogo em seus movimentos contingentes e, por fim, reconhecer-nos diante do jogo. Afinal, do mesmo modo que o tarô narrado por Calvino, estas cartas não falam do futuro, mas de um presente que não se resume a um instante, mas se prolonga na extensão de sua realização.

A história narra, portanto, um presente inventado. Tal invenção traz à baila a memória enquanto artifício da lembrança; a narração enquanto estratégia para a percepção; a ficção como instrumento de expectativa. Deste modo, a lógica enquanto *organum* para o entendimento deve trabalhar na abstração do que se percebe no narrar (estética), ao mesmo tempo em que articula o discurso humano (ética). Este estado relaciona subjetividade e objetividade de maneira contundente, a ponto de trazer a inevitável relatividade ao centro da questão. Se do ponto de vista epistemológico a relatividade sempre se fez presente, na constituição do pensamento físico moderno ela é essencial. Contudo, mesmo sem analisar esta noção nas obras de Copérnico, Kepler, Galileu, Giordano Bruno, Newton, Einstein e assim por diante, encontramos em Don *Quijote* um belo exemplo. Na obra de Cervantes o fictício e o concreto se entrelaçam incessantemente, sendo sempre necessário trabalhar na esfera do inesperado. Há uma relatividade da bravura (ética), uma relatividade da beleza (estética), uma relatividade daquilo que se vê, que se espera, que se deduz (lógica). Em relação ao tempo e ao espaço, todavia, em diversos momentos somos confrontados com nosso contumaz presente: no furtivo desvio no meio dos arbustos na madrugada; na espera milenar pelo retorno de personagens que se foram há poucas horas; no barco encantado que se afasta a velocidades distintas de acordo com a posição daquele que observa; na montanha dos montesinos, quando em curtos espaço e tempo, ações inenarráveis ocorrem. Ao questionar a respeito daquilo que vivenciara neste último evento, nosso cavaleiro recebe como resposta: *parte de las cosas que vuesa merced vio, o pasó, en la dicha cueva son falsas, y parte verisímiles; y que esto es lo que sabe, y no otra cosa, en cuanto a esta pregunta* (CERVANTES: 2008, p.454). A retórica quixotesca é clara, visto que esta resposta é dada por um macaco adivinho: qual das partes deveria ser tida como verdadeira? Aquela mensurada por Sancho e Pedro ou a dele próprio? O autor nos responde: *el mono de maese Pedro le había dicho que parte de aquellas cosas eran verdad y parte mentira, él se atenía más a las verdaderas que a las mentirosas, bien al revés de Sancho, que todas las tenía por la misma mentira*

(p.468). O passado é *imposvisível*, o futuro imprevisível e o presente – associado à memória, à expectativa e à sensibilidade – imponderável devido às imprevistas contingências.

Ao final de um curto percurso, no qual a perplexidade se sustenta e a quietude se desfaz, nosso ar naturalmente quixotesco se revela: parte daquilo que se afirma é ato, a outra parte se projeta na potencialidade do leitor. Se um estudo epistemológico contundente do fazer histórico aparenta ser um martírio de Clio, sua ressurreição é imperativa para preencher de significado a História que se desvela. Cavaleiros de tristes figuras que somos, deparamo-nos com um oráculo assaz inebriante: *expressamos* nossas narrativas em nossas historicidades particulares; tais *figurações* são mediadas pelo atual e o ficcional em uma relação dialética constante em que o ato *interpretativo* se constitui como fundamento e instrumento para a *compreensão*. Tal qual o coração drummoniano a crescer dez metros e explodir, assim também o saber historiográfico contemporâneo diante de sua inevitável contingência. Contudo, em uma paráfrase ao poeta brasileiro, afirma-se a eminência da existência humana: *História, nós te criaremos...*

Mas como diminui ou se extingue o futuro que ainda não existe, ou como cresce o passado que já não existe, senão porque no espírito, que faz isso, há três operações: a expectativa, a atenção e a memória? Desta forma, aquilo que é objecto da expectativa passa, através daquilo que é objecto da atenção, para aquilo que é objecto da memória. Por conseguinte, quem nega que as coisas futuras ainda não existem? E, todavia, já existe, no espírito, a expectativa das coisas futuras. E quem nega que as coisas passadas já não existem? E, todavia, ainda existe, no espírito, a memória das coisas passadas. E quem nega que o tempo presente não tem extensão, porque passa num instante? E, todavia, perdura a atenção, através da qual tende a estar ausente aquilo que estará presente (AGOSTINHO: X, 28).

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AGOSTINHO. **Confissões**. Lisboa: Imprensa Nacional - Casa da moeda, 2001.
- CALVINO, Ítalo. **Il Castello dei destini incroati**. Torino: Einaudi, 1973.
- \_\_\_\_\_. **O Visconde partido ao meio**. São Paulo: Companhia das Letras, 1996
- CERVANTES, Miguel de. **El ingenioso hidalgo Don Quijote de La mancha**. La Plata: Terramar: 2008.
- COLLINGWOOD, R. **A ideia de História**. Lisboa: Editorial Presença, 2001.
- FO, Dario. **Morte accidentale de un anarchico**. Torino: Einaudi, 1974.
- GARDINER, Patrick. **Teorias da História**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbekian, 1964.
- HABERMAS, Jürgen. **Conhecimento e Interesse - com um novo posfácio**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1982.
- HEMPEL, Carl. **The Function of General Laws in History**. In: The Journal of Philosophy, Vol. 39, No. 2, pp. 35-48, 1942.
- KELLY, Michel. **Encyclopedia of Aesthetics. VI.2**. New York: Oxford University Press, 1998
- PESSOA, Fernando. **Livro do Dessassosego**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.
- POPPER, Karl. **A miséria do Historicismo**. São Paulo: Edusp, 1980.
- STERN, Fritz. **The varieties of history**. New York: Meridian Books, 1973.
- TOWNSEND, Dabney. **Historical Dictionary of Aesthetics**. Lanham: The Scarecrow Press, 2006.
- LACAPRA, Dominick. **Rethink intellectual history: texts, contexts, language**. Ithaca and London: Cornell University Press, 1983.